

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO—Jacques Thibaud—A primeira educação musical (conclusão)—D. Francisco de Sousa Coutinho—Notas vagas—A musica na exposição de 1900—Concertos—Theatro de S. Carlos—Conservatorio Real de Lisboa—Noticiario—Bibliographia—Necrologia.

JACQUES THIBAUD

O violinista que este anno ouviremos em S. Carlos, Jacques Thibaud, é um novo que bem cedo começou a sua carreira. E essa carreira tem sido tão rapida como brilhante.

Nascido em Bordeus a 27 de setembro de 1880, começou a estudar piano aos sete annos e violino aos nove. Pouco depois entrou para o Conservatorio de Paris, ficando sob a direcção de Marsick.

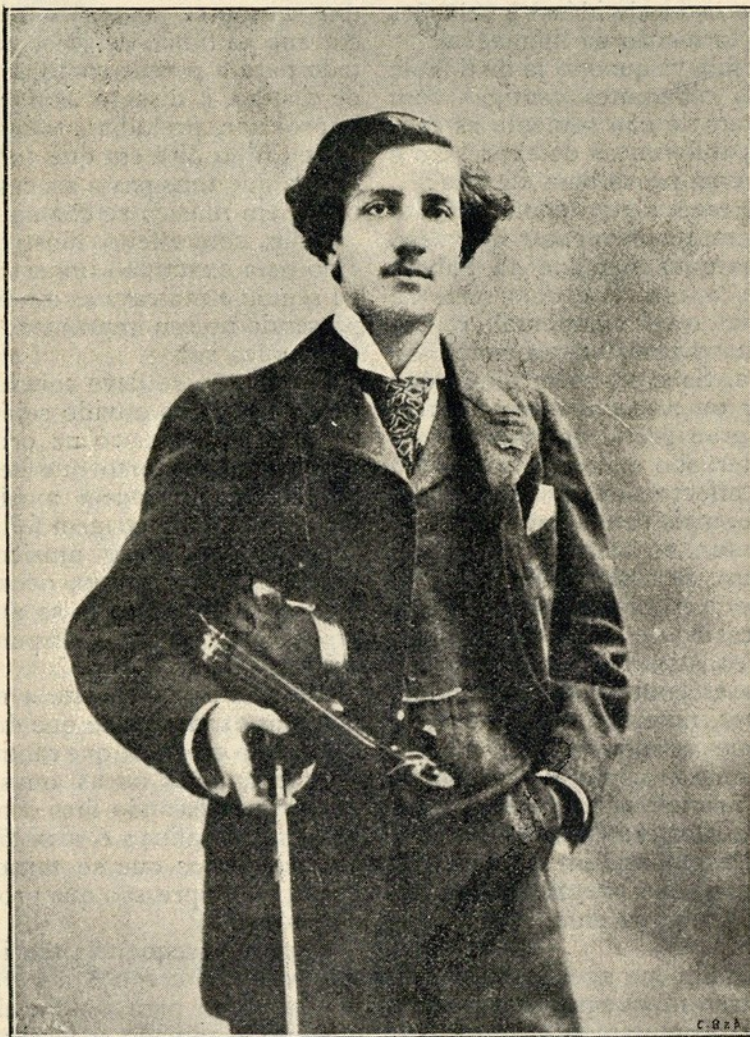
Em 1895 obteve um primeiro accessit e logo no anno seguinte o primeiro premio; o concurso de violino n'esse anno tornou-se sensacional pelo grande numero de alumnos distinctos que se apresentaram, ob'endo Thibaud o premio no meio de unanimes applausos. Contava apenas dezeseis annos, mas apresentou-se de modo que um jornal

que temos presente — *Le Guide Musical* — o classifica de verdadeiro artista.

Em 1897 apresentou-se a concurso para o lugar de concertino na orchestra de Colonne, lugar que obteve em consequencia da brilhantissima apresentação que fez

e em março de 1898 subiu a occupar o lugar de primeiro violino a solo; foi este facto considerado um singular favor concedido ás extraordinarias qualidades artisticas reveladas por Thibaud, pois ainda não se tinha sentado n'aquelle elevado lugar um violinista tão novo, que se podia considerar um verdadeiro principiante, tão recentemente elle tinha sahido das aulas.

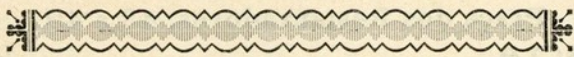
Actualmente a sua reputação está feita e não tardará que tenhamos occasião de o apreciar. Jacques Thibaud pertence a uma familia



de musicos, e esta circumstancia explica a precocidade do seu desenvolvimento.

Seu irmão, Joseph Thibaud, é um distincto pianista, nascido igualmente em Bordeus a 25 de fevereiro de 1875. Discipulo e gran-

de admirador de Diémer, entrou para o Conservatorio de Paris em 1891, e no anno seguinte ganhou o primeiro premio por unanimidade, tendo depois d'isso tomado parte em diversos concertos, com especialidade nos de Colonne.



A PRIMEIRA EDUCAÇÃO MUSICAL

(Continuação)

O resultado foi que a percepção das arias e dos intervallos que separam os sons de que ellas se compõem, adquiri eu com tanta ou mais rapidez que a percepção das palavras; e que não admira, pois os signaes musicas e suas differentes relações são infinitamente mais limitados que as palavras (signaes de objectos ou de idéas) e relações que as ligam na formação da linguagem.

Ainda eu não fallava quando já distinguia perfeitamente as differentes cantigas com que me embalavam: e não somente as cantigas, mas até as differenças de expressão e sentimento. Eis uma prova bem curiosa:

Todos os que teem algum conhecimento de musica, por muito elementar que seja, sabem haver uma nota chamada *dó*. Sabem egualmente que a escala é uma serie de sons, cuja inicial ou fundamental, reproduzindo-se no oitavo grau, fecha a conclusão da mesma escala. Sabe-se, além d'isso que a escala é *maior* ou *menor* conforme o terceiro e o sexto grau produzam com o fundamental um intervallo maior ou menor. O intervallo maior affecta o ouvido d'uma maneira mais alegre, mais satisfatoria; o intervallo menor produz, ao contrario, uma impressão de tristeza, de melancolia.

Um dia, entre as differentes cantilenas que eu tinha occasião de ouvir debaixo das janellas e que constituem a collecção de melodias populares conhecidas pelo nome de *gritos de Paris*, notei uma que me parecia mais triste que as outras; voltei-me então para minha mãe, e como já principiava a balbuciar as primeiras palavras da linguagem infantil, exclamei: «Maman! Maman! *dó que chora!*» Designei assim a expressão triste d'aquella aria, que effectivamente era em tom menor. Tinha eu então talvez uns tres annos.

Se contei esta pequena anecdotia infantil, foi para demonstrar até que ponto a creança pode ser facil e promptamente impressionada pelas relações dos sons, quando, desde que nasce, se habitua com elles.

Permita-se-me a narrativa de outro caso do mesmo genero, egualmente succedido na minha infancia:

Foi quando tinha perto de seis annos, e conservo ainda bem nitida e exacta a lembrança do logar onde o facto se deu, apparecendo-me agora á imaginação como se ali estivesse.

Havia n'aquelle tempo um musico chamado Jadin, o qual era se me não engano, pae de Jadin o pintor de matilhas de cães e caçadas em bosques. Minha mãe pediu-lhe para vir a nossa casa, afim de mostrar-lhe o pequeno discipulo, cujo ouvido ella julgava bastante exercitado para despertar a curiosidade d'um musico. Jadin apresentou-se.

«Tenho — disse-lhe minha mãe — um rapazito que me parece dotado de boa disposição para a musica: se o senhor quizesse ter a bondade de o submitter a qualquer experiencia de percepção musical, parece-me que encontraria n'isso algum interesse.» Jadin sentou-se ao piano. Minha mãe collocou-me ao fundo da sala, com o rosto voltado para a parede como uma creança posta de castigo, e disse a Jadin: «Agora queira improvisar, preludiar, tocar seja o que fôr, e meu filho dirá em que tom o senhor toca e para que tons passa successivamente.» (E' o que em musica se chama modular.)

Jadin, com effeito, mostrou-se surprehendido pela exactidão imperturbavel com que eu seguia e indicava as modulações que iam passando no seu improviso; não me enganei uma unica vez.

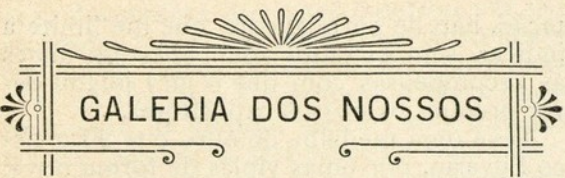
D'aqui não se deve concluir que uma cultura precoce do ouvido seja sufficiente para produzir um musico na ordem da composição: mas é certo que se pode iniciar o ouvido na linguagem musical, da mesma forma que na linguagem fallada, e desenvolver assim o senso musico nas creanças, dando logar a que na occasião opportuna possam manifestar-se as aptidões latentes, graças aos cuidados dispensados desde a primeira infancia.

Tenho visto, durante a minha vida, numerosos exemplos do que deixo dito: tenho conhecido creanças que cantavam desafinado porque as mães ou as amas tambem assim cantavam falseando-lhes o ouvido. Não é a voz que desafina; é a *noção* ou *percepção dos intervallos* que se tornou falsa na origem, pela impressão que produziu um canto defeituoso.

E' por consequencia tão importante para o ouvido da creança a percepção de sons justos, como para a delicadeza do seu pequenino estomago e visceras a absorpção de um leite puro e vivificante.

Por isso dirijo ás queridas creancinhas, ou antes a suas mães, esta pequena instrucção.

CH. GOUNOD.


 GALERIA DOS NOSSOS

D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO

(Chico Redondo)



Para vos dar uma idéa, ainda que vallida, d'este nosso typo tão genuinamente portuguez não posso ir buscar os logares communs da rethorica laudatoria nem as tintas vulgares com que se soem phototypar talentos mais ou menos contestaveis.

Não, que esta individualidade singular,


curioso mixto de fidalgo da velha linhagem e de cantor de portentosos recursos, tudo isso adubado com uma pontinha de bohemia alegre e descuidosa, esta individualidade por tantos titulos excepcional é toda feita de linhas fortemente accentuadas, umas indiscutivelmente bellas, outras d'uma notavel dureza, quasi todas d'um esthetismo novo e extravagante.

Aqui exige-se portanto a pincellada larga, sem preocupação de detalhes e minudencias. Duas palavras bastariam para o descrever.

Assim dizendo-vos que n'aquella figura falstaffiana reside um coração nimiamente sensivel, quasi infantil e uma voz de peregrina belleza, extensa, vibrante e malleavel, quasi que vos terei descripto o homem no seu aspecto mais saliente.

E recordando-vos que este cantor fidalgo sabe trocar os confortos do solar pelas peripetias do tablado para ir honrar lá fóra o nome patrio, como poucos o tem feito, cumpro o dever de o apontar á sympathia, ao reconhecimento e ao applauso de nós todos.

SCHAUNARD.


 A Musica na Exposição de 1900

(Impressões pessoases)

Se a industria pianistica franceza se mostrou pouco interessante no que respeita a melhoramentos de fabrico, que direi da esrangeira?

Parece até que houve por parte das melhores casas estrangeiras um inexplicavel proposito de se eclipsarem n'este grande certamen internacional...

E no emtanto ninguem desconhece a colossal importancia da industria alleman, que n'esta especialidade é a mais perigosa rival que a França tem a receber.

A Allemanha possui nada menos de 435 fabricas de pianos, cuja producção orça pela bagatella de 80.000 instrumentos por anno e os proprios allemães teem affirmado officialmente que este ramo da industria é para elles o mais vasto e o mais importante, aquelle em que a intelligencia e a energia teutonica teem conseguido os melhores triumphos.

Pois d'essas 435 fabricas, apenas umas 10 responderam á chamada e essas mesmo, salvo duas ou tres excepções, parece que foram escolhidas entre as menos importantes da Allemanha.

Ao menos a Austria deu-nos um instrumento *quasi novo*, em que o martello usual é substituido por um pequeno cylindro de couro para friccionar a corda em vez de a percutir. E digo *quasi novo* porque a tentativa de prolongar o som do piano e imitar os instrumentos de arco tem sido tantas vezes experimentada, com melhor ou peor exito, que attribuir agora direitos de prioridade por uma tal innovação seria incorrer em peccado de lisonja, de que me sinto incapaz. (1)

Creio comtudo que o Snr. Friedrich Ehrbar, que tal é o nome do expositor em questão, tenha sido mais bem succedido que os seus predecessores, sem por isso me atrever a vaticinar um largo futuro á sua pseudo-novidade.

Para terminar com os Pianos, onde como se vê não posso encontrar cousa alguma que me mova a grandes enthusiasmos, citei como curiosidade o riquissimo piano de Rubinstein, que figura na exposição d'uma fabrica russa (J. Becker) e que foi offerecido ao celebre pianista em 1889, por occasião do seu jubileu. Este piano, sumptuosamente ornamentado, tem esculpido no interior da tampa um bello retrato de Rubinstein.

*

Melhor impressão me fizeram os instrumentos de arco e estou firmemente conven-

(1) Já no *Theatrum instrumentorum* de Praetorius (1620) se allude a um instrumento d'esse genero.

Em 1708 um francez de nome Cuisinié renovou o ensaio, construindo um *cravo-sanfona* baseado no mesmo principio.

O piano-quatuor de Baudet creio que é fabricado tambem pelo mesmo systema.

cido que a *lutherie* artistica, a partir de 1889, tem prosperado de uma forma notavel não só em França como mesmo em outros paizes.

Sem querer de maneira alguma estabelecer um paralelo, nem mesmo longiquo, com os admiraveis specimens que o seculo 17 nos legou pela mão dos gloriosos violeiros cremonenses, imitados ainda brilhantemente no seculo passado pelos Guarnerius, pelos Luptot, pelos Vuillaume e por poucos mais, força é confessar que n'essa industria especial se produzem ainda hoje verdadeiras maravilhas.

Quem examinar, com olhos de vêr, as vitrines de Gustave Bernardel, de P. Blanchard, de Collin-Mézin, de Simoutre, de Alb. Jacquot, de P. Serdet, de Geisser, de Silvestre e de alguns outros cujos nomes n'este momento me escapam, não poderá deixar de sentir a mais viva admiração pelo alto grau de perfectibilidade que esta industria tem attingido nos ultimos tempos.

Entre os violinos, violetas, violoncellos e contrabaixos que ali pude vêr nas minhas rapidas visitas ha exemplares qua nada deixam a desejar, nem pela elegancia e pureza da forma, nem pela transparencia do verniz nem pelo cuidadoso acabamento de todas as suas partes componentes.

Alguns d'elles são verdadeiras obras primas... no aspecto; corresponderão á belleza da forma as qualidades sonoras de todos esses instrumentos?

Confesso-lhes que o não pude apreciar e prefiro essa doce ignorancia... para não soffrer alguma desillusão.

*

Nas outras familias de instrumentos posso dizer que nada vi que me não fosse já mais ou menos conhecido, mas faltaria aos mais elementares deveres de chronista consciencioso se não mencionasse ao menos algumas especialidades que foram brilhantemente representados na grande feira do mundo.

Cito portanto um pouco ao acaso os magnificos orgãos de Cavallé-Coll, Merklin, Mutin e Abbey, os instrumentos de sôpro tanto em madeira como em metal das casas Sax, Couesnon, Fontaine-Besson, Kollert Söhn, Evette e Schaeffer, Fuchs, as harpas de Erard e de Pleyel, das quaes estas ultimas do novo systema chromatico, os harmoniuns americanos e os não menos famosos de Mustel e de Alexandre, os bandolins e cordas italianas, as citharas austriacas, as caixas de musica suissas e *j'en passe*...

A respeito da parte que o nosso paiz representou em tudo isso, não sei na verdade como dizer-lhes o que sinto e, em tal hesi-

ção, não de permittir-me que me limite a indicar, sem extensos commentarios, quaes as recompensas com que o jury julgou dever premiar os nossos expositores.

Teve uma medalha de ouro o sr. Francisco Silverio, por umas violas de forma nova, a que já aqui alludimos em tempos.

A nossa guitarra nacional mereceu medalha de prata para os seus apresentantes, os srs. Silva e Augusto Vieira, de Lisboa, Custodio Pereira do Porto e Mendes da Figueira e simples medalha de bronze para os srs. João Pedro Gracio de Lisboa, Manuel Santos de Bouças e José Abrantes de Villa Nova de Tazem.

Os exotics Chan Chong de Macau e Maquengo de S. Thomé tambem obtiveram medalhas de bronze por varios instrumentos que expuseram.

Finalmente as Companhias do Loabo, da Zambesia, d'Angola, de Moçambique e de Timor mereceram igual distincção pelos instrumentos indigenas das suas respectivas provincias.

Verdade, verdade, não é muito brilhante e tenho minhas vagas apprehensões de que a nossa bossa industrial, na especialidade dos instrumentos musicos, não tenha merecido um pouco d'aquella caridade que o estrangeiro nos costuma tão tenazmente regatear.

E se alguma vez, para abater prosapias optimistas, quizermos relancear a vista pelo simples enunciado das recompensas que tivemos em Paris, saberemos que a nossa industria d'arte está magramente resumida na guitarra nacional... até ao momento em que a comecem a fabricar lá fora.

(Continúa).



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XIX

De Lisboa

Como ninguem nos ouve ou nos lê, vamos ambos, minha senhora, falar de alguem do seu sexo, que estando muito alta pelo nome, mais alta ainda está pelo coração e pelo espirito.

Talvez porque a modelar o barro com suas mãos patricias, mais de uma vez conseguiu crear fórmias espirituas de graça e de belleza, e assim se habituou a chamar á realidade da existencia os incorporéos sonhos da sua phantasia; talvez porque nos intimos recessos do seu ser, uma suave e mysteriosa

voz, docemente lhe entre-mostrou um dia as roseas visões de um mundo novo ainda em botão; talvez porque as divinas aspirações da sua alma a elevaram á clara comprehensão da verdade eterna: eil-a que dos elyseos jardins da arte desceu a embrenhar-se na floresta escura e triste por onde os desgraçados andam, trazendo-lhes a um tempo com um sorriso aos labios a exteriorisação palpavel de uma formosa idéa...

E assim nasceram as Cosinhas Economicas, mais uteis que uma esmola, mais educativas que uma catechese, não correndo o risco de serem deprimentes ou inuteis como a primeira, nem pretenciosas ou abstrusas como a segunda...

E então se viu este espectáculo, na verdade assombroso e unico em terras de Portugal: — uma duqueza fazendo socialismo, que é cousa diversa de fazer philantropia, o que sendo muito, não póde aliás ser tudo.

E claro que este socialismo reveste uma feição especial e não pertence propriamente a uma determinada escola; mas desde que os phenomenos que o singularisam e os factos sobre que se apoia pertencem ao grupo dos denominados prestação de serviços com proporcionalidade na troca, nenhuma definição melhor do que esta lhes póde caber.

Por mim até direi mais: socialismo assim é o que maior probabilidades teria de revolucionar a terra, porque entre os seus elementos de lucta dá o primeiro logar ao amor...

Com effeito comprehende V. Ex.^a minha senhora que juntar ao serviço que se presta, a lição que ensina mas não deprime, e o favor que aproveita mas não vexa e que sobretudo nem mesmo exige gratidão — porque a dispensa, é a mais salutar, a mais luminosa forma de transformar doce mas solidamente as almas, mudando-lhes o seu ambiente espirital e social, e se meia duzia de grandes e bellos espiritos amanhã se resolvessem a iniciar nos differentes campos da actividade humana e nas suas suas ramificações economicas outras tantas instituições congeneres, todos veriamos refflorir no mundo, uma era nova de eucharistica felicidade, poupando-se talvez á consciencia e á historia milhares de futuras paginas que por desgraça de todos ainda hão-de ser escriptas com sangue de martyres e com lagrimas de infelizes...

*

Emfim nem tudo corre na vida como os melhores de entre nós anciosamente sonhamos, mas quando algum ou alguns dos que pela cultura interior e pela situação pessoal maiores responsabilidades teem no proprio

destino das nações, se resolvem a fazer de-veras qualquer cousa grande e ensaiam elles mesmos formulas novas de socialisação e de solidariedade, de justiça distributiva e de partilha compensadora, o dever dos que assistem á pratica de taes actos é ao menos saudarem reconhecidos aquelles dos seus irmãos que assim procedem honrando a especie...

Com a minha velha mania de ver em todos os formosos actos emanados do coração ou do cerebro uma como que musica ideal e dulcissima a cujo rhythmó embalador todos iremos obedecendo alegres, acho que até mesmo aqui, tinha o seu logar adequado este desabafo sincero e simples a respeito de uma instituição bemdita e de quem a tornou viavel, no que — perdoe me V. Ex.^a a vaidade — me parece estar ouvindo embora mesquinamente reproduzida, a ondulação dos seus proprios pensamentos, que apenas sinto serem mal traduzidos agora na minha tão pouco musical palavra...

AFFONSO VARGAS.

CONCERTOS

A notar n'esta secção apenas o concerto que a 3 do corrente deu o Atheneu Commercial do Porto, com a assistencia de mais de 600 pessoas.

Os professores Moreira de Sá e Alfredo Napoleão abrilhantaram a *soirée*, o primeiro com o *Allegro* do Concerto de Mendelssohn, acompanhado por sua filha D. Leonilda e o segundo com varios trechos de Chopin, Liszt e de sua propria composição.

Tomaram também parte na execução musical as sr.^{as} D. Alice Braga, D. Rosalia e D. Paulina Monteiro Maia e sr. Raul Marques Pinto.

Acompanhador, o maestro Roncagli.

*

No principio do proximo mez de dezembro terá logar o 3.^o concerto da Sociedade Artistica de Canto.

O programma ainda não está definitivamente estabelecido, mas já nos consta que se cantarão as seguintes obras classicas: *Credo*, choral de Bach, *Adoramus te* de Palestrina, *Jubilata* (a 8 partes) de Giacomelli, *Ave Verum* (côro com solo) de Mozart, *Quando corpus* de Rossini e *Fac ut ardeat*, fuga do Stabat Mater de Pergolesi, que tanto tem agradado em outras audições e que o maestro Sarti reforça agora com um côro masculino.

Quasi todos estes trechos são orpheonicos.

Do repertorio moderno tambem se apresentarão algumas composições coraes muito interessantes, *Bal de Fleurs* de Mendelssohn, *Czardas* de Lacome, *Primavera* de Grieg concertada pelo maestro Sarti, e que nos dizem produzir um effeito delicioso, *Tarantella* de Rossini e para dar tambem idea da nossa musica portugueza, uma encantadora *Canção* da Figueira.

Completarão o programma dando-lhe uma nota de variedade e de bom gosto os illustres pianistas Rey Colaço e D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, que tocarão na 2.^a parte do Concerto.

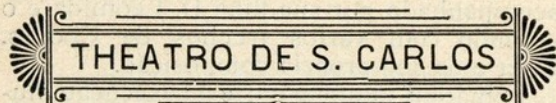
Como se vê o elemento orchestral foi posto de parte em principio, pela Sociedade Artistica, que explorará de preferencia as grandes obras vocaes, *a capella*, sem comtudo proscreever de todo a orchestra para certas audições em que o seu concurso se julgue indispensavel.

*

No dia 9 da mez que vem dará o illustre professor de canto e nosso velho amigo o sr. Napoleão Vellani uma interessante *matinée* no salão do Theatro de S. Carlos para apresentação de um grupo de discipulas.

Consta-nos que alguns artistas e amadores collaborarão n'este concerto com um ou dois numeros de musica instrumental.

Vaticinamos ao sympathico professor uma *salle comble* e todos os applausos a que tem direito a sua respeitabilidade e incontestavel merecimento.



Ja está publicado o elenco da companhia lyrica que se deve estreiar n'este theatro em 19 do proximo Dezembro.

Dos elementos que a compõem poucos ha que tenham um nome famoso a não ser certas *estrellas* que se limitarão a passeiar a sua celebridade em frente dos nossos olhos durante algumas recitas... para nos fazer a bocca doce.

E os preços d'algumas localidades principalmente para os infelizes compradores avulso augmentam n'uma progressão verdadeiramente assustadora.

O elenco *effectivo*, por assim dizer é o seguinte:

Maestros d'orchestra e de coros—Giuseppe Fatuo, João Goula e Giulio Setti.

Damas—Giuseppina Giaconia, Isabella Gras-

sot, Eugenia Mantelli, Maria Martelli e Angela Penchi.

Tenores—Giuliano Biel, Primo Naini e Giuseppe Palet.

Barytonos—Marino Aineto, Giuseppe De Luca, Delfino Menotti e Ricardo Stracciari

Baixos—Andrea Perelló, Giuseppe Torres de Luna e Giuseppe De Paoli.

Os seguintes artistas virão fazer pequenas temporadas:

Damas—Gemma Bellincioni, Haricléé Darclee, Matilde De Lerma e Elena Theodorini.

Tenores—Antonio Ceppi, Emilio De Marchi, Giovanni Dimitresco, Edoardo Garbin.

As operas novas que nos são promettidas são a *Iris* de Mascagni, a *Tosca* de Puccini e a *Zaza* de Leoncavallo.

Além d'isso haverá em *matinées*, uma serie de seis concertos, estando já escripturado para dois o notavel violinista Jacques Thibaud, cujo retrato figura no presente numero do nosso jornal.

A exemplo das epochas anteriores contamos com a valiosa cooperação d'um dos nossos melhores criticos d'arte para elaborar esta secção e seguir os trabalhos do nosso primeiro theatro lyrico com aquelle desassombro e imparcialidade que temos tido sempre por norma e que são a unica força de que nos podemos orgulhar.



CONSERVATORIO REAL DE LISBOA

Até 6 do proximo mez de Dezembro está aberto concurso n'este estabelecimento para o provimento de dois logares de professores auxiliares de rabeça e de harmonia, com o ordenado annual de 150.000 réis.

Os requerimentos serão instruidos com os documentos seguintes:

- 1.º Attestado de bom comportamento moral e civil;
- 2.º Certidão medica por onde se prove não padecerem de molestia contagiosa;
- 3.º Certidão de idade que mostre serem portuguezes naturaes ou naturalizados, e terem vinte e um annos completos.
- 4.º Certificado do registo criminal;
- 5.º Documento de haverem satisfeito á lei do recrutamento;

6.º Habilitações a que se refere o artigo 12.º do decreto organico de 13 de janeiro.

Os concorrentes poderão juntar aos seus requerimentos todos os mais documentos

que comprovem o seu merito artistico e litterario.

Findo o praso do concurso serão designados os dias em que os concorrentes habilitados, nas condições acima designadas, deverão apresentar-se para satisfazer ás respectivas provas, em harmonia com o seguinte programma, elaborado em sessão de 10 de outubro findo:

Programma do concurso para o provimento do logar de professor auxiliar da cadeira de rabeça e violeta

Parte geral

1.º Exposição oral sobre a theoria do ensino.

§ 1.º Em seguida á exposição oral cada candidato será interrogado por um dos professores indicados pelo jury, durante o tempo determinado.

§ 2.º Nenhum candidato poderá ouvir o que o proceder.

Parte especial

1.º Execução de duas peças de concerto á escolha do candidato, sendo uma para rabeça, e outra para violeta.

§ unico. Cumpre aos concorrentes trazerem acompanhador, quando seja necessario, para execução integral d'esta prova.

2.º Execução do 22.º concerto, para rabeça, em la menor de Viotti com as cadencias á escolha do candidato.

3.º Execução de uma peça tirada á sorte no acto do concurso.

4.º Analyse technica de um trecho apresentado pelo jury.

§ unico. Para a realização das duas ultimas provas será concedida ao candidato meia hora de preparação.

Programma do concurso para o provimento do logar de professor auxiliar da cadeira de harmonia

Parte geral

Primeiro dia

Primeira prova

Exposição sobre a theoria do ensino.

Segunda prova

Responder ás perguntas que o jury julgar conveniente fazer.

Parte especial

Segundo dia

Executar ao piano um trecho de musica cifrado apresentado pelo jury no acto do concurso. Maximo praso concedido para esta prova: uma hora.

Realização de um *partimento* a quatro partes desenvolvido sobre um thema apre-

sentado pelo jury no acto do concurso. Maximo praso concedido para esta prova: sete horas.

Realização de um baixo cifrado apresentado pelo jury no acto do concurso. Idem: idem.

Terceiro dia

Compor uma scena dramatica com acompanhamento de orchestra sobre letra apresentada pelo jury no acto do concurso. Maximo praso concedido para esta prova: oito horas.

Quarto dia

Fuga simples a quatro vozes sobre um thema apresentado pelo jury. Maximo praso concedido para esta prova: oito horas.



Do paiz

O nosso amigo e distincto professor José Henrique dos Santos está escrevendo uma Missa de festa, que é destinada a ser executada no dia 8 do proximo mez na Egreja parochial de Santos-o-Velho.

Interessa-nos sobremodo esta primeira tentativa do novel compositor, que, como se sabe, foi um laureado discipulo de Harmonia e Contraponto do nosso Conservatorio.

✽

Reunem-se hoje os accionistas da Sociedade proprietaria do Theatro S. João do Porto para deliberar sobre a vantagem de explorar por conta propria os espectaculos d'aquelle theatro e sobre a necessidade resultante de emittir mais 600 acções de 100:000 réis.

✽

Imprimiu-se e foi distribuido o relatorio da Real Academia de Amadores de Musica, com respeito á gerencia de 1899-1900.

No dia 4 de dezembro reúne a assembléa geral para discutir esse relatorio e eleger os corpos gerentes que devem funcionar em 1900-1901.

✽

Em homenagem á memoria do chorado professor e violinista Victor Hussla, mandou hontem um grupo dos seus mais distinctos discipulos, resar uma missa na egreja dos Martyres, solemnisando assim o primeiro anniversario do passamento de tão prestimoso artista.

Do estrangeiro

Festejou-se ultimamente em Vienna a centesima representação n'aquella cidade da opera *Cosi fan tutte*, de Mozart. A primeira

